
Xosé Manuel Sánchez Rei and Catalina T. Castellón (eds.), *Traditional Galician Cancioneiro Compiled by Cipriano Torre Enciso*, 2 vols. Vol. 1, *Studies* (369 páginas). Vol. 2, *Edition* (895 páginas). Lewiston-New York (USA) & Lampeter-Cerdigion, Wales (UK): The Edwin Mellen Press.

Data de recepción: 15/04/2020 | Data de aceptación: 1/05/2020

Durante os denominados pedagógicamente “Séculos Escuros”, época em que os textos escritos em galego são escassos embora a quase totalidade da população do país fosse monolíngue, vigorou na Galiza uma viçosa cultura tradicional que, de forma arrítmica, conseguiu chegar ao século XX. Junto a outros elementos qual a arquitetura, a religiosidade ou os meios de produção, a literatura anónima faz parte de forma muito notória dessa cultura rural, transmitida vagarosamente de geração em geração com o passar do tempo. Naquele contexto, quando os ilustrados galegos setecentistas como o Padre Sarmiento ou o Padre Sobreira começaram a coligir textos de origem popular, estavam, sem o pretenderem, a iniciar um caminho que seria percorrido em muitíssimas direções em épocas posteriores. De facto, foi uma viagem tantas vezes realizada que se calcula presentemente que esse legado linguístico, histórico-cultural e literário que chegou aos nossos dias abrange cifras decerto surpreendentes: fala-se, por exemplo, da existência de uns 30.000 cantares, de 1.500 narrações, de aproximadamente 80.000 refrães etc. Os *cancioneiros* de Casal Lois, Fermín Casal, Inzenga Castellanos, Pérez Ballesteros, Rielo Carballo, Casto Sampedro, Lois Tobío, Saco Arce, Schubarth e Santamarina, Marcial Valladares, Xoaquín Lorenzo, etc. dão testemunho da fertilidade de uma manifestação cultural digna de se ponderar, já sublinhada em investigações tanto galegas quanto internacionais. Ainda atualmente há entidades e pessoas a título individual que se ocupam de colecionarem diversos géneros dessa literatura tradicional, normalmente estrofes associadas a modelos rítmico-melódicos em 6/8, 3/4 e 2/4 que depois podem fazer parte de diferentes projetos musicais. Língua, literatura e música convergem, portanto, num rico património dotado de um poderoso simbolismo identitário que, como o próprio idioma, conta com vários séculos de vida.

Cipriano Torre Enciso (1902-1994), polígrafo e intelectual corunhês, faz parte da nómina de eruditos que se encarregou de compilar cantares e poesias de extração anónima. Para ese trabalho, valeu-se das estrofes que recolhia do povo nas suas viagens pela Galiza e Portugal, ainda que presumivelmente utilizasse outros *cancioneiros*. Também teve em conta textos que se fizeram famosos pela sua incorporação em livros sobranceiros de autoria individual de literatura galega

e mesmo incorporou estrofes muito recentes mas sobradamente conhecidas. Não se sabe com total certeza quando é que começou ese labor de compilar textos de literatura oral, ainda que se pensa que foi nas décadas de 60 e 70 do passado século que levou a cabo a maior parte dessas tarefas como coletor. Sabe-se, porém, que nos primórdios da década de 80 já se achava colixida a maior parte dos materiais que enformam o que se pode denominar *Cancioneiro* de Torre Enciso. Como quer que seja, o volume de poesias que coligiu torna esses materiais uma obra das mais relevantes dentro das da sua natureza, pois chegou a reunir, deixando de parte outros subgéneros como os textos paremiológicos, quase 7.000 textos poéticos, os mais deles estrofes de quatro e de três versos.

O valor dos materiais que conseguiu juntar é, no seu conjunto, tão variado quanto salientável. Entram aqui diversos fatores dignos de se sublinharem, como a informação linguística que revelam, a informação histórica e cultural que trazem consigo, a validade etnográfica que encerram esses cantares, a informação direta sobre questões onomásticas, etc. Quanto ao seu valor historiográfico, este também não é menor, já que alguns são adscrivíveis ao século XVIII porque é nessa centúria que se compilam por vez primeira nos trabalhos dos ilustrados setecentistas; é a circunstância desse texto já registado pelo Padre Sobreira que se fez muito popular, mercê, entre outras coisas, a ser glosado por Rosalía de Castro em *Cantares Gallegos: Airiños, airiños, aires, / airiños da miña terra; / airiños, airiños, aires, / airiños levai-me a ela*. Outros provêm de finais da centúria seguinte, qual aqueles em que transparecem as migrações galegas à América por causa dos topónimos que figuram nos versos: *Teño de ir a Buenos Aires / dar a volta por La Habana / e, anque non traia diñeiro, / sempre son americana*. Também os há mais recentes, aparecidos no século XX, qual acontece com a popularíssima canção dos “Catro vellos mariñeiros” ou “A saía da Carolina”, dedicada implicitamente à artista galega Agustina del Carmen Otero Iglesias (1868-1965), mais conhecida como “A Bela Otero”.

A edição do professor da Universidade da Corunha Xosé Manuel Sánchez Rei e da professora da Lamar Universtiy Catalina T. Castellón vem dar a lume precisamente esses materiais até agora inéditos. O robusto e rigoroso trabalho consta de dois volumes. O primeiro, prologado pela decana da Faculdade de Filologia da instituição corunhesa e catedrática de Filologia Inglesa María Jesús Lorenzo Modia (Vol. I, págs. i-v), principia com o estudo elaborado por Castellón “Galicia’s Traditional Poetry. The *Cantigas* Collection of Cipriano Torre Enciso” (págs. 1-40); nele faz-se um estudo geral do cancionero, a tratar temas como a figura da mulher nos cantares tradicionais (págs. 16-17), as migrações e as despedidas na poesia anónima (págs. 17-23), o mar, o amor e a morte na literatura popular (págs. 23-37), etc. O estudo de Castellón figura elegantemente preludiado com umas palavras de Curros Enríquez

traduzidas para o inglês, que é a língua em que estão redigidos os estudos, as quais sintetizam muito bem a quantidade e a qualidade da poesia popular galega: “Galicia is the richest country of Europe in traditional poetry”. Após desenvolver os temas antes expostos, uma das conclusões a que chega Catalina T. Castellón é que os cantos transmitidos geracionalmente constituem textos de grande valor histórico e cultural, totalmente merecedores de serem compilados e estudados, e não como simples peças de museu, mas como verdadeiras manifestações artísticas de uma cultura: “Against the opinion of those who say that folklore is a thing of the past and belongs only in a museum, while human nature remains constant, everything from the people will say alive in the memory of human kind represented in artistic expressions” (pág. 37).

De seguida vem o muito extenso, interessante e profundo trabalho de Sánchez Rei, intitulado “The *Cancioneiro* by Torre Enciso: A Cultural and Linguistic Approach” (págs. 41-340). Nesta parte do volume, o docente e investigador da Área de Filologia Galega e Portuguesa da Universidade da Corunha desenvolve, em primeiro lugar, uma panorâmica geral da poesia tradicional galega (págs. 41-76), uma tipologização dos cantares anónimos (págs. 77-117), uma visão geral dos traços que caracterizam o cancionero de Torre Enciso (págs. 118-162) e um amplo estudo da língua dos cantares coligidos por este polígrafo corunhês, a se centrar de preferência em aspetos gramaticais e lexicais, que é a parte mais extensa das que constituem o estudo de Xosé Manuel Sánchez Rei (págs. 163-338). Tal análise pormenorizada serve para evidenciar alguns elementos que contribuem eficazmente para singularizarem o cancionero de Torre Enciso a respeito de outros trabalhos similares. De todos eles, quicá o mais notável seja o facto de o compilador adaptar textos portugueses para o galego, com as consabidas consequências socioculturais e gramaticais. Quanto às primeiras, como clarifica o professor da UDC, a decisão do coletor vincula-se com o sentir maioritário dos eruditos galegos e lusitanos (Theóphilo Braga, José Leite de Vasconcellos, Fernando de Castro Pires de Lima, Xoaquín Lorenzo Fernández, etc.) que se têm ocupado destas temáticas, segundo o qual existe uma evidente e robusta afinidade entre os cantares tradicionais galaicos e os portugueses: “The decision of the collector here must be seen in light of the opinions of most Galician and Portuguese experts working in this area, who perceived the shared cultural identity of the Galician and Portuguese poems” (Vol. I, pág. 320).

No tocante a aspetos gramaticais e lexicais, a opção do polígrafo corunhês de ter em conta textos da outra margem do rio Minho implicou o aparecimento de vocabulário e de estruturas morfossintáticas mais comuns no português do que na Galiza ou, quando menos, correntes em Portugal mas escassa ou nulamente representadas no modelo de linguagem popular e coloquial do cancionero

tradicional galego contemporáneo: estamos a falar de formas como *embora*, *fundo*, *menina*, *posibel*, etc., ponderadas por Sánchez Rei a tratar dos traços gerais do léxico detetado no *Cancioneiro* de Torre Enciso (Vol. I, págs. 274-317). E, sem sairmos de questões linguísticas, também se deve sublinhar o enorme valor que possui o tal *Cancioneiro* por proporcionar, no seu conjunto, uma mostra de modalidade de galego(-português) dialetal, popular e coloquial de todo o território, na qual se regista a prática totalidade dos fenómenos linguísticos do idioma. Conforme diz Sánchez Rei (Vol. I, pág. 175) “we can affirm that the type of language in which the Galician traditional songbook is written, and specifically the anthology compiled by Torre Enciso, does indeed correspond to the term ‘popular’”, para assinalar mais abaixo que, do ponto de vista lexical, a “variation in the field of dialectology becomes a powerful tool in our understanding of the notion of diversity, especially when considering similar lexical variations” (pág. 285).

Outro dos traços do *Cancioneiro* que explica Sánchez Rei é a deliberada intervenção do compilador nalguns textos, sempre a procurar o que ele entendia como mais autêntico em termos linguísticos. Essa implicação, para além de ficar bem evidente caso reparássemos na vontade de correção representada no uso de pseudogaleguismos, também se verifica na decisão do editor de não ter em conta as estrofes que se cantavam em espanhol, contrariamente à opção de outros coletores contemporâneos, que de facto as consideraram. Nessa vontade de suprimir formas alheias ao galego destaca o verniz linguístico restaurador que se aprecia no tratamento de vários textos, o que fez, por exemplo, que, contrastivamente com a linguagem popular da época, nunca se atestasse a forma deturpada do gentilício **gallego*.

Já o segundo volume se centra na edição dos quase 7.000 textos coligidos pelo polígrafo da Corunha. Nele, Xosé Manuel Sánchez Rei e Catalina T. Castillón organizam os materiais por pastas ou “folders”, que foi como os agrupou o coletor. Por seu turno, em cada uma dessas pastas, 20 em total, os cantares estão classificados em diversas temáticas, a se seguir assim uma das práticas neste tipo de trabalhos. A pasta nona, por exemplo, contém cantares agrupados em “Xaneiras”, “Reis”, “Infantis”, “Amores”, cantos de “Berce”, “Berce e nai”, “Vilancicos I”, “Rondas” e “Vilancicos II”, o que pode dar uma ideia dos temas principais desses cantares. Para levarem a cabo este trabalho de editorização, ambos os professores adoptam uns escrupulosos “Editing criteria”, expostos no início do segundo volume (págs. 1-5), que consistiram, basicamente, na atualização ortográfica dos materiais e na unificação do sistema de pontuação, sempre respeitando quaisquer variantes linguísticas presentes nos textos: mantêm-se todas as formas consideradas dialetalismos (i.e. *aquil*, *eiquí*, *subeu*, etc.) e as variantes mais próprias da língua popular ou coloquial (i.e. *a iauga*, *crara*, *bailadore*, *drento*, *frol*, *millor*, *pra*, etc.);

identificaram-se as influências do espanhol através da tipografia itálica, sobretudo no caso de elementos lexicais e morfológicos (i.e. *calle*, *cuchillos*, *souperan*, etc.); modernizou-se a ortografia em harmonía com as normas oficiais em vigor; optimizou-se a pontuação originária dos textos tentando, como princípio básico, mantê-la em todos os casos em que foi possível; corrigiram-se gralhas detetadas na transcrição dos textos ou no processo da compilação desde a oralidade (i.e. *Coo queres* > *Como queres*, *eerno* > *eterno*, *niguén* > *ninguén*, *ninguna* > *ningunha*, *noie* > *noite*, *respodeu* > *respondeu*, *subeu* > *subeu*, etc.); de acordo com a compilação levada a cabo por Torre Enciso e com os seus próprios critérios editoriais, mantiveram-se aquelas poesias que, mesmo a serem variantes doutras, apresentassem algum tipo de variação linguística, ora seja mínima (i.e. *meniña* / *miniña*, *dechés* / *deche*; etc.), ora seja mais evidente (i.e. *agora xa imos indo* / *no libro dos olvidados* // *agora imos entrando* / *na vida dos olvidados*, etc.); afinal, eliminaram-se aquelas quadras repetidas sempre e quando ficassem totalmente idênticas a respeito de outras uma vez aplicados os princípios editoriais.

Outrossim, os responsáveis da edição do *Traditional Galician Cancioneiro Compiled by Cipriano Torre Enciso* tiveram em conta todas as variantes linguísticas (gramaticais, vocabulares, textuais, etc.) que incorporou o coletor, as quais são assinaladas na margem direita do trabalho ao final de cada estrofe, a indicar os versos ou *lines* que se vêem afetados. Desta forma, o público leitor pode aceder a uma rica polimorfia da linguagem coloquial e popular, própria deste tipo de manifestação literário-cultural, muito bem tratada por Xosé Manuel Sánchez Rei e Catalina T. Castellón no segundo volume. Ao passo, umas quantas nótulas em rodapé clarificam determinados aspetos das quadras, tais como questões gramaticais, decisões editoriais pontuais que precisavam de explicação, etc. Por exemplo, inclui-se uma referência ao uso do pronome *te* como dativo: “Note the use of *te* as a dative pronoun instead of the more usual *che*. This deviation from normal usage is not uncommon in the texts collected here, as mentioned in section 4.2.2” (Vol. II, pág. 15).

Mas, ao mesmo tempo, um trabalho cujos dois volumes ultrapassam as 1.200 páginas tinha de ter, como é natural, alguns aspetos melhoráveis que conseguiram fugir do labor de Xosé Manuel Sánchez Rei e Catalina T. Castellón. Assim, no volume I aparece uma má leitura por parte do computador de algum símbolo fonético no estudo de Sánchez Rei, que talvez ficou despercebida (pág. 88) inclusive para as pessoas da editora. No segundo volume, por sua vez, figura alguma pequena gralha ou incoerência gráfica na edição dos textos, como se pode apreciar na interpretação da forma *anosdeus* como espanholismo em vez de como latinismo (pág. 509) ou no assinalamento com o itálico da preposição *a* na perífrase *ir a* + infinitivo (*que o vamos a ver nós*, pág. 604), quando, talvez, haveria que pôr em destaque toda a

construção. De qualquer forma, lapsos como esses, poucos e quase sempre difíceis de evitar, não invalidam o excelente labor editorial do professor e da professora nem o valor intrínseco do conjunto de textos.

Em síntese, os materiais que dão forma ao cancionero de Cipriano Torre Enciso constituem uma muito representativa mostra da literatura tradicional galega (e portuguesa), a qual, graças a esta rigorosa edição, continua a ser objeto, felizmente, de análise e de estudo académico. Oxalá que o povo galego, que foi capaz de gerar uma tão poderosa literatura tradicional como se pode constatar através da leitura do volumoso *Cancioneiro* que editam Sánchez Rei e Castellón e que publica a prestigiosa casa norteamericana The Edwin Mellen Press, possa continuar a cantar no seu próprio idioma e contribuir assim para a manutenção da diversidade de línguas e de culturas existentes no mundo. Como galegas e galegos devemos agradecer ao professor da UDC e à professora da Lamar University o grande esforço que realizaram nesta magna obra para a recuperação e preservação do nosso património linguístico-cultural, bem como para a sua divulgação internacional.

Xosé Ramón Freixeiro Mato

Universidade da Corunha